



Certificação de Habilidade Específica: a perspectiva dos professores de teoria e percepção musical

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

Roberta Alves Gouveia

*Universidade Federal de Uberlândia - MG
rogouveia3@hotmail.com*

Sônia Tereza da Silva Ribeiro

*Universidade Federal de Uberlândia - MG
sonia@ufu.br*

Resumo: Esta comunicação apresenta resultados de pesquisa de mestrado em andamento realizada junto ao Programa de Pós-graduação em Artes. O interesse é conhecer sobre as habilidades e competências presentes na Certificação de Habilidade Específica, etapa do ingresso de candidatos ao curso superior de música. A aprovação é essencial para que o candidato ao curso de música possa participar do restante do processo de seleção que é comum aos demais cursos da instituição. Apresentar a perspectiva dos professores permite compreender conceitos de avaliação e conhecer as habilidades e competências esperadas dos candidatos que se submetem a esse processo de seleção podendo ser relevante para compreender as expectativas dos avaliadores da prova de *leitura musical e testes auditivos*.

Palavras-chave: Certificação. Avaliação. Leitura musical e testes auditivos.

Specific Skill Certification: the perspective of the theory of teachers and musical perception

Abstract: This paper presents master search results in progress conducted by the Graduate Program in Art . The interest is to know about the skills and expertise present in the Specific Skill Certification , the entry stage of candidates for the degree in music. Approval is essential for the candidate to the music course can join the rest of the selection process that is common to other courses of the institution. Present the perspective of teachers allows us to understand valuation concepts and meet the expected skills and competencies of candidates who undergo this selection process may be relevant to understand the expectations of the evaluators of proof of musical reading and hearing tests.

Keywords: Certification. Examination. Musical reading and hearing tests.

1. Introdução

No ensino da música, há pesquisas que vêm tratando da avaliação como um processo que pretende ser continuado, sistematizado e relacionado com processos de aprendizagem. Dentre os estudos, destacamos Del Ben (2003); Hentschke e Souza (2003) quanto ao entendimento da avaliação em música ser um tema desafiador tendo em vista a especificidade da área constituir-se também de elementos da subjetividade e criatividade que integram o processo avaliativo. Tourinho e Oliveira (2003: 13) apresentam viabilidades da avaliação em música ter diferentes funções dentre elas, avaliar o processo da aprendizagem, orientar carreira profissional, melhorar o ensino, manter padrão da instituição escolar, ser

material de pesquisa. Swanwick (2003) e França (2004), (2006) destacam estudos que consideram a importância de encontrar critérios mais aproximados do envolvimento musical dos sujeitos com a música a exemplo da execução, apreciação e composição. Sloboda (2008) explicita a necessidade de se estudar e delinear bases cognitivas sobre as quais se fundamenta um processo de avaliação musical.

Em particular, nos interessamos em estudar a avaliação no âmbito da Certificação de Habilidades Específicas (CHE) como um sistema avaliativo complexo e imbricado por concepções de música, educação musical, valores institucionais acadêmicos e culturais, políticas públicas, entre outros. Na Universidade Federal de Uberlândia - MG, a CHE é um processo avaliativo de ingresso ao curso superior de música. Esse processo classifica os candidatos com maior potencial para desenvolver o mesmo. A aprovação nesta etapa é complementada pela aprovação no processo seletivo comum aos demais cursos da instituição.

Segundo Mateiro (2009), essa Certificação de Habilidade Específica acontece em diversas universidades do Brasil variando, nos diferentes lugares, os títulos das provas, os critérios, procedimentos e conteúdos. Dos resultados dos estudos da autora, a maioria dos cursos exige uma prova de prática instrumental e/ou vocal e outra prova teórica. No âmbito da avaliação teórica, a autora reconheceu a inclusão de aspectos de percepção musical e/ou questões dissertativas sobre educação musical. Ainda destacou que alguns cursos realizam apenas provas de teoria musical. E outros, incluem entrevistas.

A pesquisa de mestrado em andamento se propõe investigar na Certificação de Habilidade Específica da Universidade Federal de Uberlândia - MG, as provas de *leitura musical e testes auditivos*. A problematização diz respeito a compreender como professores da área de teoria da música e/ou percepção musical e estudantes formandos do curso concebem esse processo avaliativo, particularmente no que se refere ao âmbito da leitura musical e testes auditivos. A pesquisa é de natureza qualitativa e teve como procedimento de coleta de dados com os professores, a entrevista. O questionário foi o método utilizado com quatro estudantes formandos do curso. Para esta comunicação apresentamos alguns aspectos dos dados empíricos da investigação advindos das entrevistas com professores da área de teoria da música e/ou percepção musical que aceitaram participar da investigação.

A perspectiva dos professores na Certificação de Habilidade Específica

Para os entrevistados a Certificação de Habilidade Específica é uma etapa necessária para o ingresso ao curso de música. Por meio dela é possível observar algumas habilidades que eles julgam essenciais para o indivíduo que deseja estudar música e também serve para

demonstrar aqueles que realmente possuem fragilidades que comprometeriam a integralização do curso de graduação.

A CHE no contexto desta universidade se relaciona a um processo avaliativo complexo no que se refere ao perfil da demanda e a necessidade da prova; ideias de habilidades mínimas, qualidade dos testes, entre outros.

Quanto ao perfil da demanda, o professor Sérgio observa:

[...] a gente vê, participando dos vestibulares, candidatos que muitas vezes, têm muita facilidade em algumas questões não sabem nada de outras questões[...] tem alguns candidatos que não sabem nada de nenhuma questão, nunca estudaram música. Às vezes eles chegam na hora do vestibular e falam assim: *não, esse negócio de partitura, de nota, eu nunca vi na vida não*. É uma pena, porque esse pode ser uma pessoa que tem um dom musical, pode ser profissional que atua como músico. Só que quando a gente está falando de universidade não se fala só do músico prático, só de um repertório (Entrevista, Sérgio: 1).

Sendo a demanda dos candidatos possuidora de um perfil heterogêneo, a aprovação na CHE ainda é necessária por conta da estrutura do curso. A graduação em música possui os cursos de bacharelado e licenciatura e em ambos, o egresso do curso tem a habilitação em um instrumento ou canto.

A necessidade dessa CHE é apontada pelos três entrevistados. Sérgio diz que “é uma etapa de ingresso na universidade em que o aluno tem que demonstrar já ter o conhecimento mínimo musical para poder cursar o curso de música superior”. (Entrevista, Sérgio: 1). O professor Celso acredita que “é um documento que certifica que o aluno, o provável ingressante, tenha aquela habilidade específica mínima necessária”. (Entrevista, Celso: 9). Já Marina comenta que

No curso de música a gente tem algumas habilidades e alguns conhecimentos, mas especialmente algumas habilidades, que o candidato já precisa ter para que ele possa então, conseguir acompanhar as disciplinas e conseguir atingir os objetivos de cada uma delas, então essa habilidade faz com que os alunos não entrem no curso completamente leigos no assunto. (Entrevista, Marina: 15).

Ao indagar o que seriam essas habilidades, o professor disse “[...] esse é um problema pra música e para os músicos em geral, porque depende do projeto pedagógico, depende de como a universidade entende, ou melhor, depende de como o curso de música entende o que deva ser a formação musical” (Entrevista, Celso: 9). As considerações desse professor permitem refletir a fundamental importância de saber “como se define essa habilidade específica”, pois, na visão dele, “uma habilidade sonora musical básica, não necessariamente tem a ver com a leitura do código musical tradicional” (Entrevista, Celso: 9).

A importância de ter habilidades mínimas repercute no início do curso juntamente com as disciplinas que serão cursadas ainda no primeiro semestre. O professor Celso percebe uma dificuldade muito grande dos alunos do primeiro ano.

Aqueles que não tiverem mesmo essa formação anterior e que vem e mesmo assim conseguem passar na prova. O professor tenta incentivar os alunos para que eles estudem, paralelamente as disciplinas do curso, eles precisam de um reforço para conseguir chegar nesse nível que espera para dar conta das disciplinas (Entrevista, Celso: 9).

Para o professor Sérgio

a avaliação sempre vai ser falha, a gente nunca consegue fazer uma avaliação, não só no quadro de Habilidades Específicas, mas mesmo qualquer avaliação. Mas eu acho de maneira geral você vai conseguir identificar pelo menos se o aluno tem as condições mínimas do conteúdo mínimo necessário (Entrevista, Sergio: 1).

Para o professor Celso

a CHE consegue avaliar, mas num nível muito básico, não necessariamente é positivo ou negativo. Depende de como é a expectativa do aluno e do professor que vai recebê-lo. Essa questão básica pode ser ruim ou pode ser suficiente. Então muitas vezes, quem já sabe um pouco mais do que a gente pede no decorrer do curso, a gente não consegue identificar muito bem na prova de CHE pelo fato de ela ser razoavelmente básica (Entrevista, Celso: 9).

As provas de leitura musical e testes auditivos: manutenção

Nossa pesquisa delimitou os anos de 2011 a 2013 para análise das provas, entretanto sabe-se que esta CHE acontece há muitos anos. Sua estrutura, conforme aponta a entrevista, foi se adaptando ao entorno social ao qual a universidade está inserida. O objetivo final, que é formar profissionais, ainda é o que confirma a necessidade da realização da CHE.

Os professores trazem uma concepção sobre o que consideram *leitura musical* e *testes auditivos* e comentam sobre as questões que envolvem este tipo de habilidade. De maneira geral eles consideram que esta parte da CHE apesar de simples execução não impede que sejam verificadas as habilidades dos candidatos, que no caso exploram a afinação e a memória/imitação.

A CHE tem dois momentos. Em um deles são avaliadas questões de habilidades e em outro são abordados conteúdos específicos da área musical. Para o professor Celso, esses dois momentos, ou seja,

[...] essas duas provas somadas, elas vão dar uma visão das mínimas habilidades do candidato, mas sempre em relação ao que o curso espera do aluno. O curso já tem um programa definido. De acordo com esse programa, avaliamos se o candidato tem

condições de entrar ou não. Se vai conseguir acompanhar o curso (Entrevista, Celso: 16).

Sobre o que consideram leitura musical e sobre as questões que envolvem este tipo de habilidade, Sergio explicita:

A parte de leitura é o candidato ter conhecimento mais teórico musical. A própria escrita, que é uma linguagem específica da área de música, ele tem que ter estudado música para conhecer. E também questões mais profundas eu diria, ligadas a análise musical. A pessoa tem que conhecer um acorde, intervalos, saber olhar na partitura e identificar esse intervalo, as notas e saber lerem os ritmos musicais (Entrevista, Sergio:2).

No que se refere aos testes auditivos, Marina destaca:

Os testes auditivos, que vem primeiro na prova, eles são bem gerais e eles não medem conhecimento musical e, sim, apenas a capacidade do candidato de ouvir e reproduzir o que ouviu, seja um único som ou uma sequência de sons, seja um ritmo, uma célula rítmica ou uma frase inteira rítmica, mas a capacidade dele de reproduzir. Algumas questões da pedem que o candidato cante livremente um trecho, uma canção. O trecho dessa canção, o que a gente vai avaliar com isso? Nessa música a habilidade do candidato, o quanto ele é afinado ou não, mas não para medir essa afinação, mas o senso que ele tem musical, se ele consegue fazer pelo menos uma frase musical de forma inteligível para quem está ouvindo. Então, mesmo que ele tenha um pouco de desafinação ou se o ritmo não está muito seguro, a gente espera ver, se esse candidato tem o mínimo de musicalidade (Entrevista, Marina: 15).

As questões que abordam conteúdos musicais específicos são ressaltadas pela professora Marina quando ela fala:

Já as questões de leitura são poucas, é uma questão rítmica e uma melódica. Os padrões são bem básicos. A leitura melódica basicamente é dentro de um pentacorde ou maior ou menor em graus conjuntos ou em saltos de um arpejo. Saltos de terças dentro de um arpejo. Então isso exige do candidato leitura rítmica e leitura melódica que ele tem que fazer com a altura correta, com nome de notas e tudo. Então são dois itens das cinco questões e o candidato tem que demonstrar se ele sabe ler. Isso na verdade, não o tira da prova. O candidato tem outras tantas questões que ele pode fazer sem saber ler.[...] ele pode fazer de ouvido. Então essas questões conseguem mostrar pra gente se esse candidato tem alguma leitura ou se ele só faz de ouvido, mas isso também não o elimina da prova (Entrevista, Marina: 16).

Considerações finais

O objetivo da comunicação é apresentar as falas dos professores, que também participam do processo de Certificação, fornecem contribuições importantes em relação aos critérios de avaliação. Demonstra que se considerada as funções da avaliação ligadas ao ensino, buscando por potencialidades e com critérios claros a CHE pode ser utilizada de forma positiva para observar as competências e habilidades dos candidatos.

A avaliação olha para muitas direções e variados aspectos trazidos pelos candidatos em relação às suas aprendizagens e potencial musical. A diversidade de questões que são exploradas na CHE para que os avaliadores consigam observar as diferentes potencialidades dos candidatos, é justificada pelos professores.

Historicamente podemos encontrar a avaliação com papéis distintos. Num primeiro momento esteve associada à atribuição de conceitos e notas e atualmente é entendida como um processo contínuo, sistemático e complexo, apontam Hentschke e Souza (2003: 8).

Sobre avaliação Sloboda (2008) indica a necessidade de procedimentos que permitam aos professores descobrir em que ponto um determinado indivíduo se encontra, em relação ao rendimento médio para a sua idade, ele escreve ainda que o objetivo é diagnosticar, para colocar em evidência determinadas fraquezas que precisam de treinamento suplementar.

De maneira geral os professores consideram que a parte de leitura e testes auditivos da CHE é simples e permite que sejam verificadas as habilidades dos candidatos. Algumas questões exploram a notação musical, com leituras rítmicas e melódicas. São questões consideradas por eles de fácil realização, por conta do material escolhido. Para a professora Marina (Entrevista: 17) “a CHE, atualmente, possui um grau de dificuldade menor”. Ela diz que

já houve, em outras épocas, CHE mais complexas, inclusive contando com questões de história da música. Para se adequar a realidade encontrada entorno da universidade ela diz que a prova acabou ficando mais fácil. Porque a gente tem identificado que os alunos têm chegado com dificuldades, a gente tem pensado em disciplinas para o primeiro ano que são mais básicas realmente, para tentar dar uma sanada nessas dificuldades mas lógico sempre tentando pensar nisso (Entrevista, Marina: 18).

Destacamos aqui que a experiência musical deve ser vivenciada em sua totalidade e o que acontece muitas das vezes, como aponta Grossi (2003), nos testes auditivos a tendência é utilizar a música de forma compartimentalizada. A autora aponta para o uso da “música real” e apresenta discussões sobre a relevância do “contexto” na abordagem da música. (GROSSI, 2003: 136). A crítica a fragmentação da música em parâmetros, melodia e ritmo também é abordada por Cunha (2003: 64) dizendo que no dia a dia os alunos vivenciam a música em sua totalidade.

Ainda sim os alunos precisam ser tornar profissionais e ter um conteúdo mínimo para isso, aponta Marina. Para a professora

mesmo que a gente de uma facilitada tem que ainda ter um nível, assim. E quanto que se tirar a prova de habilidade específica (eu sei que alguns lugares já ate fizeram e aqui na UFU, o curso de artes visuais fez isso) você começa a preencher todas as vagas e tudo mais

mas depois você vai ter um problema nos alunos acompanharem o conteúdo das disciplinas (Entrevista, Marina: 20).

Acrescenta ainda, que existem muitas questões para se pensar pois não temos uma resposta exata, reflete Marina. Para ela, “é um processo lento que vai se transformando e que não vai ter fim também. Porque quando tivermos resolvido esses problemas outros irão surgir e, é um processo que vai se desenvolvendo com o tempo” (Entrevista, Marina: 20)..

Compreender a CHE sob a perspectiva dos professores mostrou que estudar esse tema exige o aprofundamento de questões que vão além da noção de verificar erros e acertos dos candidatos. Para os professores a aprovação na CHE ainda é necessária por conta da estrutura do curso. Neste sentido, como aponta Kleber (2003) “a avaliação é uma ação que, independentemente do seu aspecto formal ou informal, está presente nos processos humanos” (KLEBER, 2003: 140). A avaliação, escreve Dias Sobrinho (2003), faz parte dos contextos humanos, “que estão sempre inevitavelmente mergulhados e ideologias e valores” (DIAS SOBRINHO, 2003: 92). “É uma ação complexa que tem a ver com a pluralidade de seus propósitos e com a complexidade das pessoas e instituições envolvidas, bem como com a pluralidade dos interesses individuais e sociais” (idem: 135)

Para Dias Sobrinho (2003), “a avaliação de sistemas ou subsistemas continua em grande parte a ser desenvolvida como medida, mas na educação superior ela tem usualmente assumido funções políticas bem definidas de classificação e de julgamento do mérito”. (DIAS SOBRINHO, 2003: 56). Estabelecer o objetivo que se busca com a avaliação priorizando o processo de aprendizagem é fundamental. A avaliação pode ter uma “intencionalidade educativa ou ser um instrumento de controle e modelação exercido pelo poder político e pelas organizações coercitivas” (DIAS SOBRINHO, 2003: 52).

Referências:

CUNHA, Elisa da S. A avaliação da apreciação musical. In: HENTSCHKE, L.; SOUZA, J. (orgs.) *Avaliação em música: reflexões e práticas*. São Paulo: Editora Moderna, 2003, p.64-75.

DEL BEN, Luciana. Avaliação da aprendizagem musical dos alunos: Reflexões a partir das concepções de três professoras de música do ensino fundamental. In: HENTSCHKE, L.; SOUZA, J. (orgs.) *Avaliação em música: reflexões e práticas*. São Paulo: Editora Moderna, 2003, p.31-40.

DIAS SOBRINHO, José. *Avaliação: Políticas Educacionais e Reformas da Educação Superior*. São Paulo: Cortez, 2003.

FRANÇA, C. C. Apreciação musical como indicador da compreensão musical no vestibular da UFMG. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 15., 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. p.632-641. 1 CD-ROM. Disponível em:



<http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2005/sessao12/cecilia_cavaliere.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2015.

FRANÇA, C. C. Dizer o “indizível”? Considerações sobre a avaliação da performance instrumental de vestibulandos e graduandos em música. *Per Musi: Revista Acadêmica de Música*, Belo Horizonte: Escola de Música da UFMG, v. 10, p. 31-48, 2004.

GROSSI, Cristina. Questões emergentes na avaliação da percepção musical no contexto universitário. In: HENTSCHKE, L.; SOUZA, J. (orgs.) *Avaliação em música: reflexões e práticas*. São Paulo: Editora Moderna, 2003, p.124-139.

HENTSCHKE, Liane; SOUZA, Jusamara. Apresentação. In: HENTSCHKE, Liane; SOUZA, Jusamara (orgs.) *Avaliação em Música: reflexões e práticas*. São Paulo: Moderna, 2003. p. 8-12.

KLEBER, Magali. Avaliação em cursos universitários de música: um estudo de caso. In: HENTSCHKE, L.; SOUZA, J. (orgs.) *Avaliação em música: reflexões e práticas*. São Paulo: Editora Moderna, 2003, p.140-158.

MATEIRO, Teresa. Uma análise de projetos pedagógicos de licenciatura em música. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 22, p. 57-66, set. 2009.

SLOBODA, John A. *A mente musical: psicologia cognitiva da música*. Tradução de Beatriz Ilari e Rodolfo Ilari, Londrina: EDUEL, 2008.384 p. Tradução de The musical mind: the cognitive psychology of music.

SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. Tradução Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

TOURINHO, Cristina; OLIVEIRA, Alda. Avaliação e medidas em performance musical. In: HENTSCHKE, Liane; SOUZA, Jusamara (orgs.) *Avaliação em Música: reflexões e práticas*. São Paulo: Editora Moderna, 2003. p. 13-29.